JOHN ZERZAN

AGRICULTURE

Zerzan vs Agricultura

Agricultura, a base indispensável da civilização, foi originalmente encontrada
como o tempo, a linguagem, o número e a arte venceu. Como a materialização da alienação, a agricultura é o triunfo e a divisão definitiva entre cultura e natural e dos humanos uns dos outros.

A agricultura é o berço da produção, completada com características essenciais e
deformação da vida e da consciência. A terra por si, torna-se um instrumento de produção e a espécies dos planetas o seus objetos. Selvagem ou não, ervas e colheitas falam dessa dualidade que afeta a alma do nosso ser, inaugurando, relativamente rápido o despotismo, guerra e empobrecimento da grande civilização sobre a grande força da unidade anciã com a natureza. A marcha da civilização, como Adorno reconhece na " assunção de um catastrofismo irracional no inicio da história", que Freud sentiu como " algo imposto numa maioria resistente" da qual Stanley Diamond encontrou só " recrutas, não voluntários", era ditado pela agricultura. Mircea Eliade estava correto ao avaliar a sua vinda como tendo "Transtornos provocados e falhas espirituais" da qual a magnitude da mente moderna não pode imaginar. " Para nivelar, para estatizar a imagem humana, enfatizar as suas irregularidades e acabar com surpresas" estas palavras de E.M. Cioran aplicam-se perfeitamente à lógica da agricultura , o fim da vida como meramente uma atividade sensorial, a forma de realização e gerador de vida separadas.

Artificialidade e trabalho aumentaram estavelmente desde o seu início e são conhecidos como cultura: ao domesticar os animais e plantas o homem necessariamente domesticou-se a si próprio. O tempo histórico, como a agricultura, não é inerente numa sociedade real mas uma imposição. A dimensão do tempo ou a história são uma função da repressão, na qual a sua fundação é produção ou agricultura. A vida de coletores-caçadores era anti-tempo na sua simultânea e espontânea abertura; a vida agricula gera um sentido de tempo devido às tarefas necessárias de tempo a tempo, à sua rotina direta. **A vida e variedade do Paleolítico abriu espaço para a agricultura, o tempo tornou-se poder e tomou o carácter de um espaço limitado. Formaram-se referencias temporais com ; cerimónias em datas fixas, nome dos dias, etc-- são cruciais para ordenar o mundo de produção; como parte do produção, o calendário é integral para a civilização. Reciprocamente , não só a sociedade industrial é impossível sem o espaço temporal, o fim da agricultura (base de toda a produção) será o fim do tempo histórico.**
A representação começou com a linguagem, um meio de refrear o desejo. Ao apresentar imagens autónomas com símbolos verbais, a vida é reduzida e levada sob controlo restrito; toda a experiência direta é assumida pelo supremo modo de expressão simbólica, a linguagem. A linguagem corta e organiza a realidade, como Benjamim Whorth apresentou; e este segmento da natureza, um aspeto gramatical, assenta a época para a agricultura. Julian Jaynes, de fato, concluiu que as novas mentalidades linguísticas mentalmente levam diretamente para a agricultura. Inquestionável, a cristalização da linguagem em escrita, chamada fortemente pela necessidade de registar as transações agriculas, foi o sinal que a civilização começou. Numa comunidade coletora-caçadora igualitária , a base da qual (como tanta vez é remarcado) era a partilha, os números não eram desejados. Não até à domesticação de animais e plantas. Pitágoras, centro de uma influencia do culto pelo numero, e Euclid, pai das matemática e cientifica, na qual a geometria originou-se para medir campos privados, e fazer um ranking, onde cada membro é apontado com um local

numérico local. Cedo, seguindo a linha anti natural de arar(lavrar), o inflexível plano campo de futebol de 90 graus das primeiras cidades. A sua insistência regulada constitui por si uma ideologia repressiva. Cultura, agora numerada, torna-se mais firmemente limitada e vazia. Arte, também, na sua relação com a agricultura, realça ambas as instituições. Começou como meio de interpretar e dominar a realidade, para racionalizar a natureza, e conforme o grande ponto de reviravolta que foi a agricultura mais básica. As pinturas nas cavernas pré-Neoliticas, por exemplo, são vivas e cor de ousada, uma dinâmica exaltada de graça e liberdade animal. A arte neolítica e os agricultores e os pastores, no entanto, muda para formas estilizadas; Franz BorKenau tipificou a sua olaria como " "Botching estreito, tímido de materiais e formas ". **Com a agricultura, a arte perdeu a sua variedade e tornou-se standart com formas geométricas que tendiam a degenerar em mareantes, e padrões repetitivos, um exemplo perfeito de vida regulada, confinada e estandardizada. E onde não houve representações da arte do paleolítico de homens a matar homens, uma obsessão com retratar o confronto entre pessoas no período neolítico, senas de batalhas tornam-se comuns. O tempo, linguagem, numeração, arte e todo o resto da cultura, que dita e conduz a agricultura, restos de simbolismos. Tal como a autonomia precede a domesticação e auto- domesticação, o racional e o social precede o simbólico.** A produção de comida, é eterna e gratificante " Permitiu que a potencia cultural da espécie humana se desenvolve-se". Mas qual é esta tendência para o simbolismo, tendência para a elaborar e imposição de formas arbitrárias? È uma capacidade crescente para objetivar, pelo qual o que esta vivo torna-se retificado, coisa do tipo. Os símbolos são as unidades básicas da cultura; são aparelhos que nos afastam das nossas experiências. Classificam e reduzem, "Para fazer coma distância", na frase notável de Leakey e Lewin´s " o fardo de outra forma quase intolerável de relacionar uma experiência para outra". Portanto cultura é governada pelo imperativo de reformar a subordinar a natureza. O ambiente artificial no qual a agricultura atinge os seus objetivos, com o simbolismo de objetos manipulados na construção de relações de domínio. Não é só a natureza externa que é subjugada: a qualidade cara a cara da vida pré agricula por si limitava o domínio, enquanto a cultura a estende e legitima.

È provável que já durante o período do Paleolítico certas formas ou nomes fossem ligados a objetos ou ideias, de uma maneira simbólica, intermitente, talvez no sentido lúdico. A vontade para a mesmo e segurança encontraram na agricultura meios no qual os símbolos tornaram-se estáticos e constantes na vida agricula. Regulamentos, patentes e diferenciação tecnológica, sob o sinal de divisão de trabalho, interagiu com o chão e simbologia avançada. A agricultura completa a mudança simbólica e o vírus da alienação tornou-se real, vida livre. A vitória do controlo cultural; como disse o antropologista Marshall Sahlins, " A quantidade de trabalho por capita aumentou com a evolução da cultura e a quantidade de laser por capita diminuiu."
Hoje , os poucos coletores caçadores ocupam a áreas "economicamente menos interessantes" áreas onde a agricultura não penetrou, como os Inuit e aborígenes australianos. E no entanto eles recusam labuta agrícola, mesmo em ambientes adversos, tem suas próprias recompensas. Os Hazda da Tanzania, Filipino Tasaday! Kung of Botswana, ou os kalahari Desert! Kung San que foram vistos por Richard Lee como sobreviventes fáceis durante alguns anos, enquanto os seus vizinhos agricultores passavam fome testemunha o sumario de Hole e Flanney's que "

Nenhum grupo na terra tem mais tempo de lazer que os caçadores coletores, que passam o tempo primeiramente em jogos, conversas e relaxamento".
Considerando uma técnica básica para cozer alimentos ao aquecer pedras num buraco tapado; isto é mais antigo que qualquer técnica para cozer barro, cestos, sendo mais nutricional, mais saudável que ferver comida em água, por exemplo. Ao considerar a moda de tal ferramenta de pedra como a longa e excecional finas "folha de louro" facas, delicadamente lascados mas forte, que as modernas técnicas industriais não pode duplicar. O estilo de vida dos coletores caçadores representa a mais conseguida e duradoura adaptação jamais conseguida pelo homem. Em fenómenos pré agriculas como a intensa coleção de comida ou a caça sistemática de uma única espécie pode ser visto como sinal do colapso iminente de um modo prazeroso, que assim permaneceu estática por muito tempo, precisamente porque era prazeroso. A "penúria e a luta de sol a sol" da agricultura, nas palavras de Clark´s, é o veiculo da cultura, "racional" só no seu desequilíbrio perpétuo e a sua progressão lógica até maior destruição, como se pode ver.

Apesar do termo "caçadores coletores" estar ao contrário, porque é reconhecido que coletar constitui de longe o maior componente de sobrevivência, a natureza da caça oferece e fornece contraste saliente à domesticação. A relação do caçador para com o animal caçado, que é soberana, livre e mesmo considerada igual, é obviamente qualificada diferentemente daquela que o agricultor ou dono de gado escravo sobre qual reinam absolutamente. Provas da necessidade de impor ordem ou subjugar é encontrada em ritos coercivos e tabus impuros da religião incipiente. A eventual subalternização do mundo que é a agricultura tem pelo menos algumas bases onde o comportamento é definitivamente regulado, pureza e impureza definidas e executadas. Lévi-Strauss definiu religião como o antropomorfismo da natureza; a espiritualidade primária era participada com a natureza, não imponha valores culturais. Os significados religiosos da qual são separados, com o ritual e formalização, removidos das normais atividades da vida diária e no controle de tais especialidades como shamãs e padres, estão ligadas de perto com hierarquia e poder institucionalizado. A religião emerge para legitimar a cultura , pelo meio de "altos" valores de ordem de realidade, na função de manter a solidariedade pelas demandas não naturais das agricultura. Na vila Neolitica de Catal Huyuk na Turkish Anatolia, uma de cada 3 salas eram utilizadas para rituais. Arar e semeadura pode ser visto como renúncias rituais, de acordo com Burket, uma forma de repressão sistemática acompanhada pelo elemento sacrificial. Falando de sacrifícios, que é a matança de animais domésticos (ou mesmo humanos) para rituais, é perverso na sociedade agricula e só encontrada ai. Algumas das maiores religiões do Neolítico, muitas vezes eram uma cura simbólica da rutura agricula da natureza através da mitologia da mãe terra, escusado será dizer nada faz para restaurar a perda de unidade. Mitos de fertilidade são também centrais; **Osiris Egípcia, Persephone da Grécia, Baal de Canaanites, e o novo testamento de Jesus, deuses onde a morte e ressurreição testemunha a perseverança do solo, para não mencionar da alma humana. Os primeiros templos representavam o nascimento das bases cosmopolitas de um modelo de universo como uma arena de domesticação, que por sua vez serve para justificar a supressão da autonomia humana.** Seja de que maneira a sociedade pré civilizada foi, como Redfield o disse; " juntas, mas não declaradamente e continuamente criaram conceções éticas", a religião desenvolveu-se para criar cidadãos, colocando a ordem moral por cima do domínio publico. A domesticação envolveu a iniciação de produção, aumentando em muito a divisão de trabalho, e a completa fundação da estratificação social. Contrariamente ao mito dos caçadores- coletores como violento e agressivo, já agora, provas recentes mostram que não agricultores existentes, como os Mbuti estudado por TurnBull aparentemente matam sem nenhum espírito agressivo, nem mesmo com remorso. Guerra e a formação de toda a civilização ou estado, por outro lado, estão intensamente interligados.

Os primeiros povos não lutavam por áreas em que grupos separados pudessem convergir. Pelo menos lutas territoriais não fazem parte da literatura etnográfica e parece que era difícil ter acontecido na pré história quando os recursos eram abundantes e o contacto com a civilização

inexistente. Estes povos não tinham a conceção de propriedade privada, e o julgamento figurativo de Rousseu, que dividia a sociedade foi fundada pelo primeiro homem que marcou um bocado de terra, dizendo "Isto é meu" e encontrou outros que acreditassem. "Meu e teu, as sementes de todo o mal social, sem lugar para eles", leu Pietros em 1511 sobre os nativos encontrados na segunda viagem de Colombo. Séculos depois, americanos nativos sobreviventes perguntaram, "Vender a Terra?" Porque não vender o ar, as nuvens, o grande mar?"

A Agricultura criou e elevou possessões; considerando a longa raiz de posses, como se nunca contassem as perdas. Trabalho, como uma categoria distinta da vida, como tal não existia antes da agricultura. A capacidade humana de ser algemado às colheitas e gado domesticado desenvolveu-se depressa. A produção de comida ultrapassou a ausência comum ou escassez de rituais ou hierarquia na sociedade e introduziu atividades civilizadas como trabalho forçado ou construção de templos. Aqui está o verdadeiro "Cartesian split" entre realidade interna e externa, a separação onde a natureza se torna meramente algo para trabalhar. Nesta capacidade de sedentarização e existência servil descansa a superstrutura da civilização com o aumento do peso da repressão. A violência machista sobre as mulheres originou-se com a agricultura, que transmutou a mulher em bestas, fardos e mães. Antes da agricultura , a igualdade na vida diária "aplicava-se tanto ás mulheres como ao homem", devido à autonomia de tarefas e o facto que as decisões eram tomadas por aqueles que as ponham em prática. Na ausência de produção e sem trabalho que abrigue as crianças como casamentos, as mulheres não tinham onerosas tarefas ou o fornecimento constante de bebés. Acompanhando o curso do trabalho perpétuo via agricultura, na expulsão de Eden, Deus disse à mulher, " irei multiplicar a tua dor e conceção; na dor que te trará filhos,e esse desejo deve ser para atrair marido, e ele deve reinar sobre ti." Igualmente, as primeiras leis codificadas, do rei Sumério Ur- Namu, prescreveu a morte para toda a mulher desejando satisfação fora do casamento.

Enquanto os animais são convertidos em máquinas e produção de comida, o conceito de ser "cultivado" é uma virtude forçada nas pessoas, significando o sair da liberdade da própria natureza, ao serviço da domesticação ou exploração. Como Rice aponta, em Sumer, a primeira civilização, as primeiras cidades tinham fábricas com as suas características de boa organização e refração de técnicas.

A Civilização a partir deste ponto iniciou o trabalho e a produção em massa de comida, infraestruturas, guerra e autoridade. Para os Gregos, o trabalho era um curso a nada mais. O nome que lhe deram foi – ponos- tem a mesma raiz de tristeza em Latim. O velho testamento fala sobre agricultura como a expulsão do paraíso (genesis 3.17-18) lembra-nos da origem do trabalho. Como disse Mumford, " Conformidade, repetição, paciência desta cultura... a capacidade para trabalhar." Nesta monotonia e passividade para esperar começou , de acordo com Paul Shepard, a profundidade do camponês, ressentimentos latentes, misturas rudes de retitude e dureza, e abstenção de humor". Também podemos acrescentar uma falta de imaginação inseparável da fé religiosa, solidão e suspeição entre linhas largamente atribuídas à vida doméstica agricula.

A produção de comida pela sua natureza inclui uma retitude para a dominação política e a cultura foi de principio a sua maquina de propaganda, esta mudança envolveu uma monumental luta. Fredy Perlman, Agaisnt Leviathan! Agaisnt his-story! É relevante disso , puxando a atenção para "proletariados externos" e "proletariados" , descontentes dentro e fora da civilização. No eixo da agricultura estava os diferentes sistemas de irrigação, um quase genocídio dos coletores e caçadores.

O aparecimento e armazenamento de excedentes são parte da domesticação que controlará e tornará a sociedade estática, um aspeto da tendência para simbolizar. O trabalho contra a corrente natural, o excedente toma formas de animais domésticos e armazéns de grãos. Armazéns de grão e sementes foi o inicio da equivalência, a mais velha forma de capital. Só com a aparência de saudável na forma de armazenamento que levou aos graus de trabalho e procedimentos de classes sociais. Enquanto haviam certamente grãos selvagens antes da agricultura, o bias da cultura faz toda a diferença. A civilização e as suas cidades dependiam tanto do grão armazenado como do simbolismo. **O mistério do aparecimento da agricultura parece mais impenetrável à luz das recentes noções de longa duração que a era passada era hostil para a natureza e uma abstenção de lazer. " já não podemos assumir" escreveu Arme, " que o primeiro homem domesticou as plantas e animais para escapar à fome, viu o fim da inocência." Por muito tempo, a questão foi " Porque não foi adotada a agricultura mais cedo na evolução humana?" Mais recentemente, sabemos que a agricultura, nas palavras de Cohen, " não é mais fácil que caçar ou coletar a não oferece alta qualidade, ou bases de comida mais seguras". Portanto a questão agora é, " Porque foi adotada de todo?"**
Muitas teorias foram apresentadas, sem convencer. Childe e outros argumentam que o aumento da população levou o homem a um contacto mais intimo com outras espécies, levando à domesticação e à necessidade de produzir para alimentar a população adicional. Mas tem sido demonstrado conclusivamente que o aumento de população não aconteceu antes da agricultura, mas foi causada por ela. " Não vejo nenhuma prova no mundo" Concluiu Flannery, " que sugere que o aumento da pressão populacional foi responsável pelo inicio da agricultura". Outra teoria defende que as alterações climáticas ocorridas no final do Pleistocene, à cerca de 11,000 atrás, que desequilibra a vida dos coletores caçadores e levou diretamente à cultivação de certas espécies. Recentes métodos de datação ajudaram a derrubar esta teoria; não houve nenhuma mudança climática que pudesse ter forçado esta nova forma de existência. Outra hipótese é que a agricultura foi introduzida por descobertas por acaso ou invenção, como nunca tivesse ocorrido para a espécie antes de certo momento que, por exemplo, comida que cresceu de sementes mandadas fora da alimentação. Parece certo que a humanidade Paleolítica tinha um conhecimento exaustivo da flora e fauna por muitos milhares de anos antes da agricultura, o que enfraquece esta teoria. Uma ideia apresentada por Hahn, Issac e outros, sustenta que a produção de comida começou de base como atividade religiosa. Esta hipótese está próxima de ser plausível. Ovelhas e cabras, os primeiros animais a serem domesticados, são conhecidos por serem utilizados frequentemente em cerimónias religiosas, e que foram criados enclausurados para rituais religiosos (sacrifícios). Antes de serem domesticados, as ovelhas não tinham lã para propósitos têxteis. O principal uso dos animais no sudoeste da Ásia e no mediterrâneo – os centros do inicio da civilização - "parece ter sido" de acordo com Darby, " sacrificial ou divino em vez de para alimentação". Sauder acrescenta que " qualidades de produção de ovos e carne, são relativamente consequências tardias da sua domesticação". O gado bravo era perigoso. O gado não foi utilizado para leite séculos depois da iniciação da enclausura , e representações indicam que as primeiras coleiras e carroças foram para procissões religiosas. Johannessen discute os motivos religiosos e místicos conectados com a domesticação de cereais, cultivos importantes no México e centro da religião Neolítica. Anderson, também investigou a seleção e desenvolvimento de distintos tipos de plantas devido ao seu significado mágico.

Os shamans, devo acrescentar, estavam bem posicionados numa posição de poder para introduzir a agricultura através de plantas envolvidas em rituais e religião. A explicação religiosa da agricultura tem sido pouco olhada, trás-nos, na minha opinião, ao cerne da verdadeira expansão da produção: que a não racional, força cultural de alienação que se espalha, em forma de tempo, linguagem, numero e arte, para colonizar formas de vida e material na agricultura. A Religião é uma conceção muito escassa desta infeção e seu crescimento. Dominação é muito pesada e abrangente para ter

sido apenas transmitida pela patologia que é a religião. Mas os valores culturais de controlo e uniformidade que são parte da religião são certamente parte da agricultura, desde o inicio. De Notar que as espécie de milhos misturam-se facilmente, Anderson estudou os agricultores primitivos de Assam, a tribo Naga, e a sua variedade de milho que não exibem diferenças de planta para planta. Verdadeira à cultura, mostrando a sua forma completa desde o inicio da produção, os Naga mantiveram as suas variedades tão puras " só por uma aderência fanática a um tipo ideal". Isto exemplifica o casamento da cultura com produção na domesticação, e os seus inevitáveis progenitores, repressão e trabalho. A escrupulosa tendência de espécies de plantas encontra o seu paralelo à domesticação de animais, que também define a seleção natural e re-estabelece o controlável mundo orgânico, numa base nivelada artificial. Como as plantas os animais são meras coisas para serem manipuladas; uma vaca leiteira, por exemplo, é vista como uma máquina que converte erva em leite. Levados de um estado de liberdade para parasitas indefesos, estes animais ficam completamente dependentes do homem para sobreviver. Os mamíferos domesticados, em regra, o tamanho do cérebro torna-se relativamente pequeno, a espécie é produzida para dedicar mais energia ao crescimento e menos a atividade.
A relação social entre animais domésticos é reduzida ao essencial. Partes não reprodutivas do ciclo de vida são minimizadas, e a capacidade do animal em reconhecer a sua própria espécie está destruída. Agricultura também criou o potencial para um rápido crescimento da destruição ambiental e a dominação sobre a natureza cedo começou a tornar o manto verde que cobria os locais de nascimento da civilização em áreas áridas e secas. " Vastas regiões mudaram o seu aspeto completamente", estima Zeuner, " sempre para condições de quase deserto, desde o inicio do Neolítico. Os desertos ocupam a maioria das áreas onde se iniciou a civilização, e onde existe provas históricas que estas formações inevitavelmente arruinou os seus ambientes.

Pelo mediterrâneo e a zona Este e Ásia, a agricultura tornou terras em terrenos, áridos e secos. Em Critias, Plato descreveu Attica como " um esqueleto tomado pela doença", referindo-se à desflorestação da Grécia contrastando com a sua riqueza inicial. Os primeiros ruminantes domesticados, cabras e ovelhas, foram um fator maior na Grécia, Líbano e Norte de África, e a desertificação de Roma e do império da Mesopotâmia. Outros impactos mais imediatos da agricultura , trazidos à luz nos anos recentes, envolve o bem estar físico dos sujeitos. Lee e Devore,

investigadores, mostram que " a dieta dos primeiros povos era bem melhor da que os agricultores, a fome era rara, e a sua saúde era superior, e existem poucas provas de doenças crónicas". Farb, sumarizou, " **A produção oferece uma dieta inferior por numero limitado de comida, é mais cara em termos de trabalho humano e ambiente.**
Um novo campo da paleontologia alcançou conclusões mais empáticas e stressantes, como disse Joel " declínio acentuado no crescimento e nutrição causada pela mudança da apanha da comida para produção de comida". Conclusões sobre a vida tem sido revistas. Através de testemunhos espanhóis do séc. XVI sobre os Índios da Florida vistos na sua 5ª geração antes de acabar, acreditava-se que os povos primitivos acabaram nos anos 30 e 40. Robson, Boyden e outros falam da confusão da longevidade de vida e a descoberta que os coletores/ caçadores, com ferimentos e infeções severas, muitas vezes eram mais curáveis que as civilizações contemporâneas. Durante a idade industrial só recentemente o tempo de vida aumentou para as espécies, e é agora reconhecido que os humanos do tempo Paleolítico tinham uma vida saudável, e certos riscos foram passados. DeVries está correto no seu julgamento sobre a duração do tempo de vida, desceram bastante depois do contacto com a civilização. " Tuberculose e diarreias tiveram de esperar pelo aparecimento da agricultura, pragas apareceram nas grandes cidades" escreveu Jared Diamond.

A malária, provavelmente, a maior "assassina" da humanidade, e quase todas as doenças infeciosas são heranças da agricultura. Doenças degenerativas e nutricionais em geral apareciam nas regiões domesticadas e culturais. Cancro, tromboses, anemia, caries dentárias e doenças mentais não são mais que símbolos da agricultura; antes as mulheres tinham filhos sem dificuldade e sem muitas dores. As pessoas eram bem mais vivas em todos os sentidos. Kung San, relatou R.H. Post, ouviu um motor de avião a 70 milhas de distância, e muitos conseguem ver as 4 luas de Júpiter a olhos nus. O Julgamento sumário de Harris e Ross, como " um declínio acentuado na qualidade – e provavelmente na força vital da vida humana entre agricultores comparado com os primeiros caçadores- coletores, é compreendida.
Uma das ideias mais persistentes e universais é que quando a Idade de Ouro da inocência antes de começar a história, Eden era claramente a casa de coletores caçadores e o conhecimento expressado pelas imagens históricas de paraíso devem ter sido resultado da perda de vida e liberdade em relação ao solo e relativamente fácil.
A história da civilização mostra o afastamento da natureza da experiência humana , caracterizada em parte pela falta de escolhas de comida. De acordo com Rooney, as pessoas pré históricas encontrou diversidade em 1500 espécies de plantas selvagens, No entanto "Todas as civilizações" lembra-nos Wenke " foi baseada no cultivo de uma ou mais de só 6 espécies de plantas: batatas, trigo, arroz, centeio, etc." È verdade que no decorrer dos séculos " o numero de alimentos que são atualmente comestíveis," diz Pyke, " declinaram estavelmente". A população mundial agora depende para grande parte da sua subsistência em só 20 géneros de espécies de plantas enquanto as naturais são substituídas por híbridos artificiais e a genética destas plantas torna-se menos variada.

A diversidade de comida tende a desaparecer enquanto o fabrico de alimentos produzidos aumenta. Hoje os mesmos artigos de dieta são distribuídos mundialmente, então um Inuit Eskimo e um Africano podem beber leite fabricado em Wisconsin ou peixe congelado de uma fábrica as Suécia. Umas poucas multinacionais como a Unilever, o maior produtor de comida do mundo, preside um

sistema de serviços bem integrado no qual os objetos não são feitos para alimentar, mas forçar um aumento de consumo de produtos fabricados e processados pelo mundo.
Quando Descartes anunciou o principio de que a exploração de matéria para qualquer uso é o dever do homem, a nossa separação da natureza foi virtualmente completado e o estado para a implementação da Revolução Industrial. 350 anos mais tarde este espírito encarnou na pessoa de Jean Vorst, Curador do France Museum of Natural History. Mais tarde disse, expressando perfeitamente o imperialismo perseverante da agricultura, " Como a terra no seu estado primitivo não é adaptada à nossa expansão, o homem deve trabalha-la para alimentar o destino humano". As primeiras fábricas literalmente imitaram o modelo agricula, indicando mais uma vez que a base da produção humana foi a agricultura. O mundo natural é para ser violado e forçado a trabalhar. (…) Hoje o orgânico, ou o que resta dele, é mecanizado sobre a asa de poucas corporações petroquímicas. Os seus fertilizantes industriais, pesticidas, herbicidas e o quase monopólio dos bancos de sementes define um ambiente total que integra a produção de comida da plantação ao consumo. Lévi- Strausse está certo quando diz " A civilização fabrica monoculturas como cana de açúcar", só desde a Segunda Guerra Mundial uma completa orientação sintetizada começou a dominar.
A agricultura retira mais matéria orgânica do que a que devolve ao solo, e a erosão do solo é o básico para as monoculturas anuais. Mais tarde, algumas são promovidas com resultados devastadores para o solo : com o algodão, soja e milho, que no seu estado domesticado atualmente é totalmente dependente da agricultura para a sua existência, é muito grave. J. Russel Smith chamou-lhe " Os matadores de continente... e um dos principais inimigos do ser humano no futuro". A erosão de um campo de milho em Iowa equivale a dois de solo saudável, salientando a maior e geral destruição dos solos devido à industrialização. A continuidade de gigantes monoculturas, com o uso massivo de petroquímicas e a não aplicação de humus, obviamente aumenta a erosão do solo e perda do mesmo, em grandes quantidades. O modo dominante de agricultura é que o solo necessita de quantidades massivas de petroquímicas, supervisionada por técnicos que tem como objetivo maximizar a produção. Fertilizantes artificiais eliminam a necessidade de vida complexa no solo e de fato converte-o em um mero instrumento de produção. A promessa da tecnologia é o total controlo, um ecossistema completamente controlado que aumenta o desequilibro "natural" da biosfera.
Mas mais e mais energia é perdida na procura de grandes campos de monocultura que começam a entrar em declínio, coma contaminação tóxica do solo, lençóis de água e alimentação. O US Departement of Agriculture diz que a erosão devido ás colheitas está a ocorrer no país a uma quantidade de 2 biliões de toneladas de terra por ano. A National Academy of Sciences estima que 1/3 de solo já está perdido para sempre. O desequilibro ecológico causado por monocultura e fertilizantes sintéticos aumenta as pestes e doenças nas colheitas; desde a Segunda Guerra Mundial, a perda de colheitas devido a pragas de insetos aumentou. A Tecnologia responde é claro, com mais fertilizantes, e eliminadores de "ervas" e "pestes", acelerando o crime contra a natureza.
Outro fenómeno pós guerra foi a Revolução Verde, cunhada como a salvadora contra a fome no III Mundo pelo capital e tecnologia americana.

Mas em vez de alimentar os famintos, a Revolução Verde tirou milhões de pessoas das suas terras

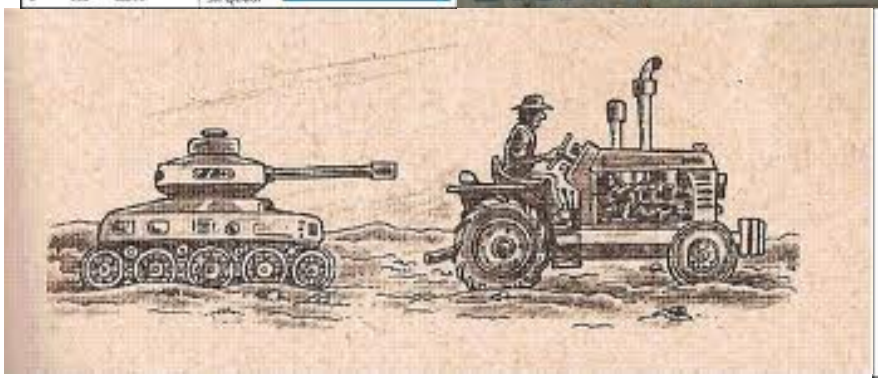
na Ásia, América Latina e África, vitimas do programa latifundiários. Levou a uma enorme colonização tecnológica criando dependência no capital intensivo do agronegócio. destruindo modos agrários comuns, requerendo consumo massivo de combustível e destruição natural a uma escala nunca vista. A desertificação, ou perda de solo devido à agricultura, tem aumentado estavelmente. Cada ano, uma área total equivalente a mais de duas Belgicas está a ser convertido em deserto, pelo mundo.

O destino das florestas tropicais é um fator de aceleração desta desertificação: metade deles desapareceram nos últimos 30 anos. Em Botswana, a ultima região selvagem de África tem desaparecido como a selva da Amazónia e quase metade das florestas da América Central, primeiramente para criar gado para o mercado de hamburgers. As poucas áreas seguras da desflorestação são onde a agricultura não chegou. A destruição de terras está a acontecer nos EUA por uma área maior do que as primeiras 13 colónias, como foi no coração da fome severa em África nos anos 80,e a extinção de uma espécie selvagem.

Voltando aos animais (…) Quando novo território foi visitado pela primeira vez pela guarda avançada de proteção, como demonstra muita literatura, os mamíferos selvagens as aves não mostravam medo dos exploradores. A mentalidade agricula, no entanto, tão pesadamente segue passagem bíblicas, projeta e exagera a crença do medo dos animais selvagens, que levou progressivamente ao afastamento e perda de contacto com o mundo animal, mais a necessidade de manter o domínio sobre eles.
O destino dos animais é definido pelo facto que a tecnologia agricula continua a olhar para o modelo fabril, para refinar a sua produção. A natureza é banida deste sistema como, os animais são mantidos imóveis através das suas vidas deformadas, mantendo a intensificação, ambientes artificiais, Biliões de Porcos, galinhas, vacas, vitelos, por exemplo, já não veem a luz do dia, quanto mais pisar prados, campos nascem no silencio mais pasto aparece para alimentar entes seres cativos.
As galinhas alta tecnologia, no qual os bicos são cortados para reduzir a morte por stress devido a lutas. Porcos vivem em chão de cimento; fungos nas patas, mutilação dos caudas e canibalismo são endémicos devido às condições físicas do animal. Vitelos são muitas vezes criados no escuro, presos tão curtos que não se conseguem voltar ou mesmo deitar confortavelmente. Estes animais são geralmente mantidos sobre um regime de alta medicação devido às torturas envolventes e sua alta sensibilidade a doenças; produção automática de animais depende de hormonas e antibióticos. Esta crueldade sistemática, para não mencionar o tipo de comida que resulta, trás à mente o facto que o seu encurralamento em si e toda a forma de escravatura tem a agricultura como modelo ou progenitor. A comida tem sido um dos mais diretos contactos com a Natureza, mas estamos a ficar cada vez mais dependentes da produção tecnológica, onde até os nossos sentidos se tornaram relutantes ; sabor, antes vital para julgar os alimentos, já não é necessário, devido aos modelos certificados de qualidade. Mesmo as comidas não processadas como fruta e vegetais são agora produzidas para ter sabor uniformes, devido aos processos de apanha, armazenamento, transporte, não nutrição ou prazer, são as grandes

considerações. Toda a guerra devido à agricultura destruiu milhares de acres na Ásia durante a guerra do Vietname. A Comida como uma função de produção falhou miseravelmente nos mais básicos níveis; metade do mundo sofre de má nutrição, no limiar da fome.
Entretanto as " doenças da civilização", como discutidas com Eaton e Konner em 1985 no New England Journal of Medecine que contrasta com as dietas pré-agricultura, sublinha o escuro, mundo instável devido a crónicas de má gestão que habitamos como presas dos fabricantes de medicamentos, cosméticos e comida fabricada. A domesticação alcança novo peso na alimentação geneticamente modificada, com novos tipos de animais como também novos organismos vegetais e microrganismos. Logicamente, a humanidade em si será também domesticada se esta ordem de produção no mundo persistir, será deformada por todo o mundo natural.
O processo de submeter a natureza, começou e foi alimentado pela agricultura, e assumiu gigantes proporções. O "sucesso" da civilização, um sucesso que no inicio o homem não queria, sabe cada vez mais a cinzas. James Serpell assumiu que " No inicio parecia termos alcançado o fim da linha. Não nos podemos expandir; parecemos incapazes de intensificar a produção sem destruir, e o planeta está rapidamente a ficar um deserto". **O fisiologista Jared Diamond cunhou o termo agricultura "uma catástrofe da qual nunca recuperámos". A agricultura tem sido os restos de um "catastrofismo" a todos os níveis. Libertação é impossível sem dissolução.**

Traduzido de : THE ANARQUIST LIBRARY
ANTI-COPYRITH
Maio de 2012.



FOME NO MUNDO:
um problema sem solução?

MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA
BRASIL